

Novo Congresso terá que conviver com velhos vícios

Jair Cardoso — 3/10/74

BRÁSILIA — Na tarde de quinta-feira, o funcionário da Rede Ferroviária Federal (RFFSA) Carlos Dedavid, morador da longínqua Cruz Alta (RS), resolveu incluir no seu *city-tour* pela capital da República uma visita ao Congresso Nacional. Deveria ser um misto de passeio e lição de civismo: acompanhado da mulher, Lorena, Carlos queria que os filhos Tiago, Juliana e Alexandre vissem de perto o funcionamento do Legislativo brasileiro. Quinze minutos depois de acomodada na galeria do plenário, o quê a família Dedavid viu foi o deputado José Lourenço (PDS-BA) abrir um talho na orelha do líder de seu partido, o deputado Amaral Netto (RJ), com um potente direto de direita.

“Meu Deus! Eu estava justamente tentando explicar às crianças que é neste local que se fazem as leis que todos temos que cumprir. E agora, o

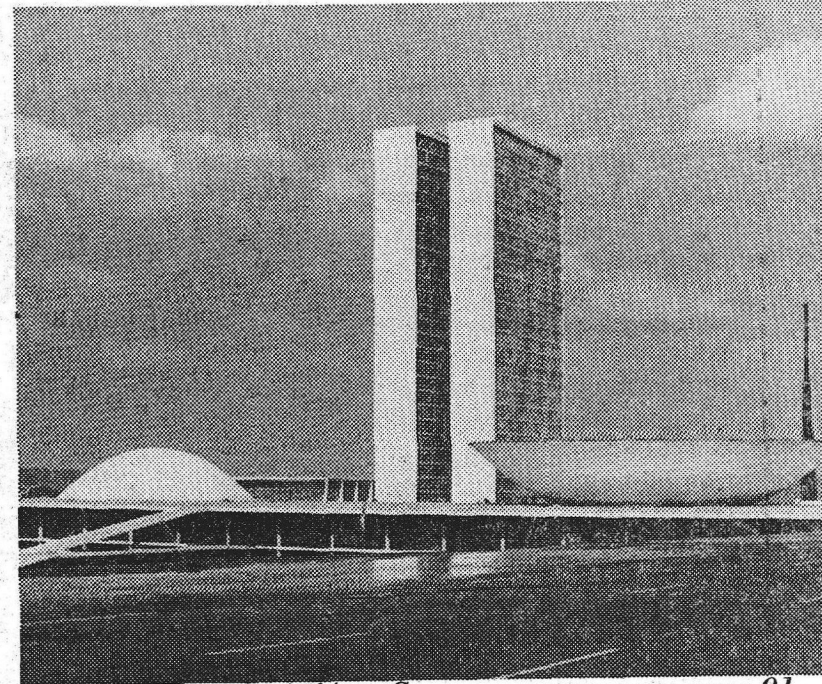
que é que eu vou dizer a elas?”, queixava-se Carlos.

A cena que chocou a família gaúcha foi protagonizada pelos mesmos parlamentares que produziram há pouco mais de dois anos uma nova Constituição para o país. Nesse mesmo cenário são tomadas decisões que podem, a um só tempo, garantir aos aposentados o pagamento do 13º salário ou impor aos contribuintes o pagamento de uma nova taxa destinada a arrecadar recursos para recuperar as estradas brasileiras. O soco desferido por José Lourenço é, ainda, a marca melancólica do encerramento de uma legislatura, na qual foram retomadas todas as prerrogativas do Legislativo subtraídas pelo regime militar, mas que termina com um dos mais altos índices de rejeição produzidos pelas urnas.

Nada menos do que 61% dos pa-

res de José Lourenço e Amaral Netto nos últimos quatro anos não voltam ao Congresso, a partir de 1º de fevereiro próximo. Mas se fossem eleitores da Bahia ou do Rio de Janeiro, certamente os Dedavid não votariam em Lourenço ou Amaral, que receberam generosa votação em seus estados de origem no dia 3 de outubro. Provavelmente também surpreenderia os eleitores cenas que não chegam a ser violentas, mas que dão uma boa medida da ineficiência em que está mergulhado o parlamento brasileiro. Ao ocupar a tribuna na manhã da mesma quinta-feira passada, o deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA) gastou preciosos minutos para anunciar a posse dos novos imortais da Academia de Letras de Feira de Santana, essa “plêiade de homens cultos”, essas “inenarráveis” personalidades de tantas “pugnas e procelas vencidas”.

São episódios como esses que os novos parlamentares, que chegarão ao Congresso no início do ano, querem banir do parlamento. Para isso, chegaram a compor com experientes parlamentares um grupo de estudos para modernizar o Legislativo, a começar pela extinção do tradicional horário conhecido como *pinga-fogo*, utilizado por Tinoco e outros deputados para depositarem elogios inúteis. Esse sonho de tornar o parlamento brasileiro contemporâneo do mundo moderno pode esbarrar numa questão prática: o manejo da máquina do Congresso já está sendo loteado entre velhas e conhecidas *raposas políticas*, cuja maior expressão é o deputado Ulysses Guimarães. As articulações para garantir o controle das mesas da Câmara e do Senado, que ditam o perfil do funcionamento do Congresso, já estão a pleno vapor.



Com renovação de 61%, o Congresso se prepara para 91